
LITERATURA, VIDA E LINGUAGEM EM GILLES DELEUZE*

Paulo **

Resumo: propõe-se neste artigo fazer uma abordagem sobre o conceito de Signo, Linguagem e Vida em Gilles Deleuze, pensador da Diferença que tematizou em sua obra Proust e os Signos a noção de verdade e de aprendizado que são fundamentais na busca e na compreensão do fenômeno literário. A partir daí compreende-se que a “literatura menor” não se trata de uma um grupo de escritores inferiores ou língua menor e sim, o que cada escritor é capaz de fazer e construir numa língua maior carregada de fluxos, de vitalidade e intensidade poética.

Palavras-chave: Linguagem. Signo. Diferença. Verdade. Aprendizado.

*A linguagem é a soberana do
homem.*

Michel Foucault

A noção de Signo costura boa parte da escrita deleuzeana. Em *Proust e os signos*, especificamente, o autor se debruça na *Recherche* de Marcel Proust para nos mostrar que o aprendizado está diretamente relacionado à natureza dos Signos. Para Deleuze, todo ato de aprender está relacionado à interpretação dos signos ou hieróglifos.

* Recebido em: 31.10.2011.
Aprovado em: 28.12.2011.

** Doutor pela UFRGS. Professor de Filosofia na UnB. *E-mail*: ppetronilio@uol.com.br

Desse modo, deparamos com a verdade de cada signo nessa pol´ıtica da decifra˜o e da interpreta˜o. No entanto, a verdade, o signo e a aprendizagem formam uma trana insepar´avel nesse plano de imanˆencia nˆomade que ´e o pr´oprio pensamento. A linguagem-evento ou acontecimento provoca no encontro com o signo a fora e a potˆencia do pensar. Pensar ´e deixar ser violentado pelo signo que rouba a nossa paz, que violenta o pensamento. A literatura ´e uma fora. ´E uma potˆencia de devires que nos fora-a-pensar. A Literatura como agenciamento maqu´ınico, ´e o que faz o homem se metamorfosear at´e um devir impercept´ıvel. Em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, a cachorra Baleia ´e o devir-animal do autor. Assim como a barata ´e o devir-animal de Clarice Lispector em *A Paix˜o segundo GH*. Em Kafka, na sua *Metamorfose*, a figura do gigantesco inseto transforma-se na linha de fuga, no devir-animal do escritor. Esses escritores fizeram, de certa forma, uma l´ıngua menor da sua pr´opria l´ıngua, pois conseguiram gaguej´a-la e fazer dela uma potˆencia.

Ora, ´e na leitura deleuzeana de Kafka que vemos o autor problematizar a no˜o de literatura menor. Afinal, o que isso quer dizer? Deleuze esclarece-nos: “Uma literatura menor nˆo pertence a uma l´ıngua menor, mas, antes, `a l´ıngua que uma minoria constr´oi numa l´ıngua maior” (DELEUZE, 2002, p. 38). Desse modo, para Deleuze, a literatura menor est´a relacionada a uma certa minoria que usa, cria e recria a l´ıngua fazendo da mesma uma l´ıngua maior. Sem d´uvidas, na Literatura brasileira, o mestre Guimarães Rosa criou uma nova l´ıngua dentro de sua pr´opria l´ıngua, fazendo de sua escrita - arte uma literatura menor. Certamente um dos maiores escritores da fic˜o universal que conseguiu com arte, beleza e sensibilidade arrastar o pensamento para fora dos sulcos costumeiros da linguagem. ´E, sem d´uvidas, um gago de sua l´ıngua, pois embaralhou os c´odigos da Sintaxe e da Morfologia e fez uma l´ıngua estranha e confusa dentro da sua pr´opria l´ıngua. ´E desse processo de cria˜o inven˜o e re-inven˜o da l´ıngua que Gilles Deleuze est´a falando. De um processo de cria˜o maqu´ınico da palavra. Escrever significa colocar a l´ıngua em movimento, em salto, em devir. ´E, enfim, colocar a l´ıngua na corda bamba, ou, melhor dizendo, na travessia.

Criar ´e gaguejar a l´ıngua. Tal gagueira nˆo est´a relacionada a um sujeito e nem a um objeto. Nem ao sintagma e nem ao paradigma e, sim, a um *continuum* amorfo ling´u´ıstico da cria˜o que funde o cont´eudo na express˜o, a l´ıngua na fala, a sincronia na diacronia. A l´ıngua ´e um processo. ´E um devir intenso que povoa essa micro e essa macro pol´ıtica da linguagem. Nˆo se trata de obedecer a uma regra gramatical. Trata-se de encontrar a l´ıngua de fuga, a desterritorializa˜o absoluta da pr´opria linguagem. Trata-se de encontrar a zona de vizinhana e indiscernibilidade poss´ıvel no meio, *intermezzo*. Fazer da l´ıngua um salto, um di´alogo com “o fora” significa driblar os c´odigos, embaralhar, dificultar, confundir para pensar. Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Kafka, Goethe, Machado de Assis, Dostoiievski, Tomas Mann e outros escritores que ousaram na sua l´ıngua s˜o de dif´ıceis compreens˜es por isso: gaguejaram a sua l´ıngua. Inventaram um povo que falta. Esse ´e o papel de quem escreve: inventar um povo que falta. Tal inven˜o est´a ligada a um processo de pura luta com as pala-

bras. É nessa luta à luz do dia com a palavra que o escritor é capaz de testemunhar a arte e a vida. Carlos Drummond lutou com as palavras. Tal luta é a empreitada difícil e perigosa de quem faz literatura. Ao escrever, não se escreve com palavras e, sim, com fluxos, com devires, com intensidades, São matérias primas das palavras.

A palavra é o sopro da vida. Em *A Hora da Estrela* Clarice Lispector soube mostrar que a estrela é a palavra que faz cada homem brilhar e ser-no-mundo-uns-com-os-outros. Ser estrela é brilhar, é mostrar, é revelar. Até mesmo no ato de morrer, no calar, encontra-se o silêncio que é a forma sublime da linguagem. São as vozes do silêncio. O homem fala continuamente. Mesmo quando está calado. A linguagem é a testemunha da vida na medida em que o escritor faz a língua vibrar, fende-a, arrasta-a e movimenta o pensamento em jogo infinito de luz e sombra, mostrando assim, o lado obscuro e cavernoso das dobras da alma humana. É a literatura a quintessência da vida. Quem escreve faz um pacto com a linguagem. Pactuar é dar um certo sentido à vida. Escrever é dar sentido à vida. É a própria vida que flui na escrita e faz com que o homem se redescubra e se reconheça no processo de criação. Criar é aligeirar, é descarregar a vida. É inventar novas possibilidades de vida.

O homem, como que um barquinho jogado nas correntezas da vida, é forçado a criar sua terceira margem através do processo de criação. Desde nasce, que é “jogado no mundo”, é desafiado a criar a sua morada através da linguagem. Tal travessia se dá na medida em que ele se coloca à caminho da pergunta pela linguagem. Perguntar pela linguagem é perguntar pela vida, Desse modo, Literatura-linguagem e vida formam uma trilogia, um único platô que compõe esse complexo agenciamento que chamamos de arte Literária. É abusando e lambuzando com a linguagem que cada escritor é capaz de fazer um mundo possível emergir. A literatura é um agenciamento político. É uma máquina de guerra.

Deleuze, em seu *Kafka* apresenta três conceitos que se acoplam nesse agenciamento literário que une conteúdo e expressão: a linguagem, o político e o colectivo. No entendo, uma das características de uma literatura menor para Deleuze, é que nela tudo é político, pois todas as questões individuais têm uma forte relação com a política. A escritura roseana está intimamente relacionada com a política. É toda uma política que povoa as veredas de Rosa. Riobaldo é jagunço político porque especula ideias, abraça o logos, a palavra. A outra característica é que tudo toma um valor colectivo. É desse modo que segundo Deleuze:

É a literatura que se encontra carregada positivamente desse papel e dessa função de enunciação coletiva e mesmo revolucionária: a literatura é que produz solidariedade activa apesar de cepticismo; esse o escritor está à margem ou à distância de sua própria comunidade, a situação coloca-o mais à medida de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade (DELEUZE, 2002, p.40).

É dessa maneira que Deleuze encara a literatura: a partir dessa trilogia linguagem-político-coletivo. Quando Deleuze aborda a obra de Kafka, o autor a encara como uma Toca, um rizoma de entradas múltiplas. Foi dessa maneira que os escritores de nosso tempo conseguiram fazer da linguagem e da vida uma corrente contínua. É essa busca das pressões secretas da obra de arte que faz com que o leitor entre nessas zonas de intensidades com o pensamento. Assim, a busca dos signos consiste no aprendizado e na busca da verdade. Para isso, é preciso um esforço da memória no passado e no presente para que haja um aprendizado na busca contínua do signo que remete a uma resposta ou a uma explicação que procuramos.

Na ótica deleuzeana:

Na realidade, a busca do tempo perdido é uma busca da verdade. Proust não acredita que o homem, sofre um tipo de violência que nos leva a essa busca. Quem procura a verdade? O ciumento sob a pressão das mentiras do amado. Há sempre a violência de um signo que nos força a procurar, que nos rouba a paz. A verdade não é descoberta por afinidade, nem por livre arbítrio, ela se trai por signos involuntários. A pessoa só busca a verdade quando se sente forçado a procurar a verdade. O signo é objeto a ser interpretado, decifrado, traduzido e encontrar o sentido do signo (DELEUZE, 2003, p.9).

Buscar a verdade é se redescobrir no tempo e não “perder tempo”. A revelação final de que há verdades a serem descobertas nesse tempo que se perde é o resultado essencial do aprendizado. Nunca se sabe como uma pessoa aprende, mas a forma em que se aprende é sempre por intermédio de signos, perdendo tempo, e não pela assimilação de conteúdos objetivos.

Deleuze, em sua obra de *Proust e os signos* afirma que nunca se aprende como alguém, mas fazendo com alguém, por que as “necessidades” opõem às verdades limitadas. A inteligência quando trabalha de boa vontade, põe-se em ação e usa-se a perder tempo. A inteligência sempre intervém depois, nunca antes. Deleuze, na obra de *Proust e os Signos* diz que é preciso sentir o efeito violento de um signo, para que o pensamento procure a essência, o sentido do signo, ou seja, a busca da verdade. A dor força a inteligência a pesquisar e põe a memória a funcionar. Tempo que se perde, tempo perdido, mas também tempo que se redescobre e tempo redescoberto. Os signos mundanos implicam principalmente um tempo que se perde; os signos sensíveis do amor envolvem particularmente o tempo perdido. Os signos sensíveis nos fazem redescobrir os tempos perdidos no tempo, finalmente os signos da arte nos trazem um tempo redescoberto, tempo original que compreende todos os outros não se desenvolvem, não se explicam pelas linhas do tempo.

Cada linha de aprendizado passa por esses dois momentos: a decepção provocada por uma tentativa de interpretação objetiva e a tentativa, em que reconstruímos conjuntos associativos. O que acontece no amor acontece também na arte. O signo

é sem dúvida mais profundo que o objeto que o emite, o sentido do signo é o sentido mais profundo do que o sujeito que o interpreta, mas se liga a esse sujeito, se encarna pela metade em uma série de associações subjetivas. É a essência que constitui a verdadeira unidade do signo e do sentido ao objeto que o emite; é ela que constitui o sentido irreduzível ao sujeito que o aprende. A essência é a última palavra do aprendizado ou a revelação final.

É apenas no nível da arte que as essências são reveladas. Mas uma vez manifestadas nas obras de arte, elas reagem sobre todos os outros campos: aprendemos que elas já se haviam encarnado, em todas as espécies de signos, em todos os tipos de aprendizado. Todo signo tem seu significado. Quando buscamos a origem dos signos e seu sentido, principalmente se estão de acordo as significações das coisas, das palavras, das idéias, mas, ao pensarmos que em si mesmo a boa vontade de pensar atribui o amor natural do verdadeiro e à verdade a determinação explícita daquilo que é naturalmente pensado.

A decepção é um momento fundamental da busca ou do aprendizado: quando o objeto não nos revela o segredo esperado ficamos decepcionados. Em cada campo de Signos é muito raro as coisas não acontecer à primeira vez que as vemos, segundo cada linha. Por que a primeira vez é a vez da inexperiência, ainda não somos capazes de distinguir o signo e o objeto.

Segundo Deleuze, a obra de Proust não consiste na busca da memória, nem na lembrança, ainda que involuntária. É certo que a memória intervém como meio da busca, mas não é o meio da busca do tempo mais profundo; e o tempo passado intervém como uma estrutura do tempo, mas não é a estrutura mais profunda. É preciso algo material que remetem a memória o relato de um aprendizado de um homem. Aprender diz respeito essencialmente aos signos. São objetos de estudo, algo a ser estudado, é considerar uma matéria de início a “formação” do aprendizado. Aprender é ainda relembrar; mas o papel da memória só intervém como meio de um aprendizado que ultrapassa seus objetivos e seus princípios. *Recherche* é voltado para o futuro e não para o passado.

Aprender e ainda relembrar, cada momento vivido no passado é uma busca do aprendizado. Os signos são objetos de um aprendizado temporal, não de um saber abstrato. É considerar uma matéria, um ser como se emitissem signos a serem decifrados interpretados. Não existe aprendiz que não seja estudado ou manipulado alguma coisa. Alguém só se torna marceneiro tornando-se sensível aos signos da madeira, o médico estudando doenças. A vocação é sempre uma predestinação com relação a signos. Tudo que nos ensina alguma coisa emite signos, todo ato de aprender é uma interpretação de signos (DELEUZE, 2005, p. 4).

Os signos, unidade e pluralidade ao mesmo tempo, o mundo que emita e concentre tantos signos uma mundanidade. Esses signos não são homogêneos. Eles podem

mudar, não somente por classes, mas por “famílias espirituais” ainda mais profundas. De um momento para outro eles evoluem, imobilizam-se ou são substituídos por outros signos. O signo mundano surge como o substituto de uma ao ou de um pensamento, ocupando-lhes lugar. Signo que não tem significo, mas que perdeu seu valor suposto ao sentido. Do ponto de vista das aoes estúpidas do pensamento. Não se pensa, não se age, mas emitem-se signos. Somente os signos mundanos são capazes de provocar efeito nervoso nas pessoas que sabem produzi-los. O signo do amor  a busca do ser amado é o mundo da pluralidade, contido em cada um deles. É preciso decifrar, interpretar esses mundos desconhecidos que permanecem envolvidos no amado  individualizar alguém pelos signos que traz consigo ou emite. Onde somos objetos de estudo como os outros. O amor pode ser decepcionante, mas é um aprendizado. São meios de interpretar o mundo desconhecido no tempo. Amar não é perder tempo, e se perder no tempo. São mundos desconhecidos, das aoes e dos pensamentos desconhecidos, mas que lhes do sentido.

Os signos amorosos não são como os signos mundanos: não são signos vazios, que substituem o pensamento e a ao; são signos mentirosos, de mundos desconhecidos, que poderá ser decepcionante para quem está amando.  necessário o signo do interprete de mentiras. O seu destino é sempre a expressão: “Amar sem ser amado”. É duvidoso, o signo do amor revela o oculto ao segredo a que estão ligados aos personagens envolvidos no momento, devemos tentar decifrar através de um esforço sempre sujeito a fracasso. O que permite agora ao intérprete ir mais além é nesse meio-tempo, entra o signo da arte dando-lhe um colorido no sentido sensível  ideal aos outros signos. Todos os outros signos convergem para a arte, todos os aprendizados são aprendizados da própria arte.

Ainda não os definimos. Esperamos apenas que concordem que os signos em geral para na obra de Proust constituem diferentes mundos: Signos mundanos vazios, signos mentirosos do amor, signos sensíveis materiais e finalmente, signos essenciais da arte que transforma todos os outros (DELEUZE, 2005, p. 4-9).

No mundo dos signos, sempre encontraremos uma verdade, por mais que seja complexa e profunda essa busca do significado e do significante ao signo, a resposta virá através da virtude do pensamento organizado e do aprendizado, que nos proporciona o tempo na busca da verdade e da razão que nos provm da natureza humana. O passado nos remete a memória, mas não impede de revelar a busca do presente.

Segundo Deleuze (2005, p. 4,5):

Sua filosofia não é voltada para o passado e as descobertas da memória, mas para o futuro e os progressos do aprendizado. O importante é que o heroi não sabe certas coisas no início, aprende-as progressivamente e tem re-

velação no final. É inevitável, que ele sofre decepções: pois tinha ilusões; o mundo vacila na corrente do aprendizado. Em determinado campo de signos em desenvolvimento parcial do passado, mas é acompanhada as vezes de regressões em outros campos, sempre frágil enquanto a revelação da arte ainda não sistematizou o conjunto. Pode acontecer uma decepção e surgir a preguiça e comprometer o todo. A idéia fundamental é que o tempo forma diversas series e comporta mais dimensões do que o espaço. O que é ganho em uma não é ganho na outra. O passado não é um depósito ou sentimento da memória, mas as series de decepções descontínuas e pelos meios posto em prática para superá-las em cada série.

Ser sensível aos signos, considerar o mundo como uma coisa a ser decifrada é sem dúvida um dom. Mas esse dom correria o risco de ficar em oculto, em nós mesmo. Em busca do objeto os signos de que é portador. Pensamos que o próprio “objeto” traz o segredo do signo que emite e sobre ele nos fixamos, dele nos ocupamos para decifrar o signo. Por comodismo, chamemos objetivismo essa tendência que nos é natural ou pelo menos habitual. Relacionar um signo ao objeto é atribuir ao objeto o benefício do signo é de início a direção natural da percepção ou da representação. Mas é também a direção da memória voluntária que se lembra das coisas e não dos signos. A inteligência deseja objetividade, como a percepção dedica a aprender as significações objetivas. Pois a percepção acredita que a realidade deva ser vista, observada, mas a inteligência acredita que a verdade deva ser dita e formulada.

Na perspectiva deleuzeana:

Os amigos são como espíritos de boa vontade que estão explicitamente de acordo sobre a significação das coisas, das palavras e das idéias, mas o filósofo também é um pensador que pressupor em si mesmo a boa vontade de pensar, que atribui ao pensante o amor natural do verdadeiro e à verdade a determinação explícita daquilo que é naturalmente pensado. Por esta razão, ao duo tradicional da amizade e da filosofia Proust oporá um duo mais obscuro forma do pelo amor e a arte (DELEUZE, 2005, p. 28).

O signo do amor sempre prevalece o seu valor, por sua essência e significações. O amor ensina e atribui a idéia de que o aprendizado permanece na filosofia de vida voluntária ao homem de boa vontade. A arte nem sempre tem o mesmo valor e atributos, as suas significações ao homem. O que nos faz pensar que uma obra de arte vale menos do que um grande amor ou uma grande amizade? São os valores conquistados e não o fruto do nosso trabalho. São pensamentos atribuídos aos sentimentos adquiridos que inspirariam esses valores próprios aos signos do amor, idéias que só a verdade do aprendizado nos ensina seus atributos da busca do verdadeiro sentimento atribuído a outro ser que lhe convém ser amado. O valor de uma obra de arte

não se pode comparar a um grande e verdadeiro amor, por que o amor não se compra, se conquista.

Uma obra de arte qualquer homem superior, mesmo sendo ilusório, poderia adquiri-la, o mesmo não acontece com o signo do amor.

A LINGUAGEM: SIGNO DA VIDA

Em Deleuze, a linguagem não se separa da vida. Ela faz dobra, desdobra e redobrar o pensamento ao infinito. Não existe comunicação individual, é preciso ter uma relação entre sujeito para que aconteça a coletividade de palavras ao meio social a linguagem entre ambos. Há um conjunto de corpos que define o real do imaginário, assim valorizando a fala de alguém no discurso direto, ao ouvinte e o que fala. Nesse sentido de que a linguagem é mais precisamente a transformação dos povos na realidade dentro da sociedade que necessariamente precisa se comunicar entre si. A palavra de ordem existe em todos os momentos em que pronunciamos algo, é preciso organizar os pensamentos e proferir palavras no ato de falar alguma coisa. Na sociedade acontecem variações de acontecimento de agenciamento que determina situações que atribui transformações e que exerce poder na vida das pessoas. Esses acontecimentos são inevitáveis no mundo das relações humanas. Por isso ao expressar palavras temos que ter conhecimento verdadeiro a ser lançado fora, ou seja, a ser transmitida a outra pessoa.

Segundo Deleuze (2003, p. 11):

A linguagem exerce poder e autoridade, sobre nossos alunos. O professor quando fala, ele ‘ensigna’, da ordem, comanda. A linguagem não é feita para que se acredite nela, mas para obedecer e fazer obedecer. A linguagem não é a vida, ela da ordem à vida, a vida não fala, ela escuta e guarda.

Observe que a fala exerce poder na vida das pessoas. Até mesmo na Bíblia Sagrada, na lei de criação do mundo, Deus usa o poder da palavra. Fez, e aconteceu. Isso porque o homem é porta voz do logos, ou seja, da razão. O mundo foi criado pelo poder da linguagem e da palavra. Ela tem um poder imenso na vida de alguém ou do que se fala. A fé vem por ouvir a palavra de Deus. Olha como a linguagem a fala é poderosa. Ao falar algo ou discursar é preciso planejar e organizar as palavras, antes de emitir. A linguagem pode ser definida pelo conjunto das palavras de ordem, pressupostos implícitos ou atos de fala que percorrem uma língua em um dado momento, seja no momento político, social, sentimental. Devemos ter muito cuidado com o que falamos, pois a linguagem destrói e edifica. O poder da fala é tão grande que ela mata um ser humano, depende da situação ou da fala. A fala de uma pessoa muda tudo, pode até mesmo ser julgado ou muda o estado do indivíduo, depende de

caso a caso. A palavra expressiva de ordem faz mudar a natureza, aos quais se atribui a transformação ou destruição.

Ao formalizar um matrimônio, entre um homem e uma mulher eles estão mudando seu estado civil de solteiros para casados. O poder da fala do escrivão ou do pastor entre as pessoas presente no ato cerimonial muda seu estado civil, perante a lei de Deus e do homem. A frase é está; eu vos declaro marido e mulher, ou seja, “casados”. E o que Deus uniu, não separa o homem. Observe que a linguagem do pastor e do escrivão, são as mesmas palavras com os mesmos significados. O discurso planejado e as falas são as mesmas no tocante do acontecimento social durante a cerimônia. Sendo assim, realizado a cerimônia matrimonial, ela muda toda a vida de duas pessoas, e começa uma nova vida, e dando início a uma nova família. Tudo isso com o poder da palavra. Um conjunto de palavras que formou um discurso direto formalizando e unindo duas vidas. Uma mudança de comportamento entre duas pessoas e duas famílias, envolvendo várias pessoas. Quando demoramos ao pensarmos em algo, para emitir palavras, estamos organizando a fala e dando sentido ao “signo” a ser emitido. Ao escrever um discurso político é necessário organizar um discurso direto e ao mesmo tempo indireto, formal e informal, com um significado ao seu objetivo a ser alcançado com esse discurso. Essa é a regra da linguagem a ser expressa.

A linguagem é aprendida e, nesse sentido, somos obrigados a ir das partes ao todo. Aprendemos a falar de início a linguagem positiva, na tentativa de se comunicar, dando sentido aos signos. As palavras fonéticas e as variações de palavras que recebeu no princípio. No início de sua formação lingüística, as palavras são apenas para comunicação. Como o espaço de tempo o indivíduo vai aprimorando, aprendendo novas palavras, dando sentido aos signos. Novas expressões, como maneira única de utilizar-se da palavra. Só a língua como um todo permuta compreender e atrair um turbilhão de palavras na tentativa de se verbalizar por si mesma. A linguagem formal e sintaxe, e irão enriquecer-se realmente e verbal através do estudo da língua em um todo e com o aprimoramento verbal. A cultura da linguagem nunca está terminada, ou que data nosso saber. Sempre aprendemos novos signos, que não pode ser posto a parte, que no futuro será mais compreensiva.

No tocante à linguagem, só tem sentido com a relação entre signos e seu significados as palavras. O signo está totalmente envolvido na linguagem, a palavra intervém sempre de outra palavra. Nunca é limitada a não ser pela própria linguagem, tanto para aquele que fala, ou para quem ouve. O sentido é o movimento total da palavra, e é por isso que nosso pensamento demora-se na linguagem. A linguagem vai além dos “signos” rumo ao sentido dele. Os sentidos dos signos só aparecem no intervalo das palavras.

Por isso não existe comunicação individual ou enunciação individual. Existem necessariamente a linguagem de caráter social da enunciação coletiva. A linguagem não consiste apenas em comunicar o que se viu, mas um transmitir o que se ouviu o que o outro disse. A linguagem é transmitir conhecimento, trocar experiência ao mes-

mo tempo. É preciso formalizar a linguagem ao pensamento no sentido de emitir palavras indesejáveis ao receptor.

Para percorrer tal empreitada linguística, é preciso, primeiramente estabelecer a relação entre “signo, verdade e aprendizado” em um costura prodigiosa de signos. Em um outro momento, “A linguagem indireta e as vozes do silêncio” acopla-se a uma discussão filosofia que pretende levar o silêncio ao extremo com o linguístico. Logo adiante, “A linguagem e o grão da voz” são rumores emitidos pelos signos pelo viés de Roland Barthes. A polifonia do ato de ler é um giro dentro de um discurso linguístico que é aberto às várias possibilidades de olhares, envolvendo a decifração e interpretação de signos ou hieróglifos.

Destarte, é tendo a linguagem como testemunha da vida que podemos aliar Literatura e Filosofia que são filhas do mesmo caos, da mesma gestação, pois é a vida que está em jogo tanto da Filosofia da Diferença que apela para arte como potência de criação, como a Literatura que é em si o signo e a maior voz da diferença. O que isso quer dizer? Essa será nossa próxima dança.

LITERATURA: POTÊNCIA E SIGNO DA DIFERENÇA

É bem verdade que Deleuze, em Proust e os Signos fala da superioridade da arte em relação até mesmo á Filosofia. Para o pensador da Diferença, muito mais que a Filosofia é a poesia. É na arte que todos os signos se fundem: os signos mundanos, os amorosos e os dos ciúmes. A Literatura, desse modo, transforma-se numa prodigiosa máquina de signos. Do tempo perdido ao tempo redescoberto é toda uma maquinaria que emite signos e nos forçam a pensar. Assim, temos a literatura como forte pensar, pois é a potência e a metamorfose da vida. A Literatura não somente potencializa a vida, como é ela mesma a vida transfigurada. É a Literatura a arte da diferença, pois trata-se do mundo virado de cabeça para baixo, onde cada escritor tem o poder de potencializar a linguagem e gaguejar o mundo de uma outra forma, apelando assim, para um povo que ainda falta.

Uma pergunta inevitável e necessária que devemos fazer é em que sentido podemos afirmar que Gilles Deleuze é um filósofo da diferença? Quando falamos em diferença o que estamos levando em consideração? Ora, Deleuze é considerado por alguns de seus estudiosos um filósofo que cria monstros nas costas de outros filósofos. Tentou assim, embaralhar os códigos do pensamento e com isso, nos forçar a pensar. A força do pensamento em Deleuze encontra sua gênese no ato de pensar do próprio pensamento. Com isso, ele desfaz toda idéia de representação clássica e nos inspira a criar uma nova maneira de pensar. Um pensar criativo, um pensamento artista. Um pensamento-acontecimento que se transforma em uma verdadeira potência ou máquina de guerra. Devemos a ele essa nova concepção de diferença que está por sua vez, além das dicotomias, além do ser e do ente, pois se desterritorializa, se bifurca, formando um gigantesco leque de dobras. É um pensamento que opera por dentro e por

fora, sem começo e sem fim, como um rizoma, um pensamento raiz, caosmo - radícula que brota de dentro para fora. Mas um “fora” mais dentro do que o próprio dentro.

Assim Deleuze, juntamente com Félix Guattari pode ser considerado um dos pensadores nômades, pois escrever em bando é descentralizar o pensamento. É retirar o poder do *logos* paterno. É em *Proust e os Signos* que o pensador da diferença vai colocar em evidência a problemática dos Signos e dar um estatuto privilegiado à arte. Com essa valorização da arte, a Filosofia fica em segundo plano, pois para Deleuze, afirmar o nomadismo é ser anti-*logos*. É criar uma zona de vizinhança e indiscernibilidade com o pensamento. É buscar uma linha de fuga que somente a arte pode proporcionar.

Assim, pensar não está mais na ordem do *logos*, da razão e sim, da sensação, dos afectos, dos perceptos, da efervescência dos Signos e da violência que ele provoca no pensamento. Diante disso, aprender em Deleuze somente passa a ter sentido quando existe um encontro com alguma coisa que nos força- a -pensar, ou melhor, quando estamos em busca da Verdade e do Signo. Esse pensamento maquínico por excelência, somente os signos da arte pode nos dar. Dizer que não pensamos, é sair da idéia de representação clássica de pensamento, de ser e pensar e até mesmo de que existe um céu para os conceitos, pois os mesmos não estão prontos, eles devem ser criados no chão da imanência. Para isso, é necessário, diz Deleuze, “sentir o efeito violento de um signo, e que o pensamento seja como que forçado a procurar o sentido do signo” (DELEUZE, 2003, p.22). No entanto, para o pensador da diferença, é necessário que algo de fora surja roubando a nossa paz, nos violentando e nos forçando a procurar o sentido das coisas. É esse “efeito violento” que provoca um abalo e nos faz aprender. Aprender assim, surge quando somos forçados por essa violência, por esse abalo que certamente são provocados pelos signos nervosos da obra de arte.

Dito isto, filosofar em Deleuze, não é contemplar, não é refletir, é criar. Tal processo somente passa a existir quando tivermos tomados, afetados pela tradução, decifração e interpretação dos Signos. Traduzir, decifrar, desenvolver são as formas da criação pura. Dito de outro modo, não provocaremos um outro pensar, uma outra maneira de escrever se não experimentarmos um pensar de uma outra forma que desfaça os ideais, os modelos, o pronto, o acabado, pois a essência do devir é não imitar, é não “fazer como”. Devir é criar. É fazer uso do pensamento no próprio pensamento. É arrastar o pensamento para fora dos sulcos costumeiros da linguagem e levar o pensamento ao delírio. Tal linha de feitiçaria somente a Literatura pode provocar. É ela a linha e o crivo do caos. A desterritorialização absoluta. Dessa forma, a Filosofia não é mais a ciência das causas primeiras e princípios como pensava o velho Aristóteles na Metafísica. Ela é uma arte, ou melhor, uma arte que cria conceitos sem parar.

A Filosofia é uma potente fábrica de conceitos. O Filósofo como um “personagem conceitual”, pensa por conceitos, inventa e re-inventa mundos possíveis através dessa dança que se desfaz no ato, pois ela é sempre por vir, lembrando Blanchot. Escrever com Deleuze, a partir dele, é fazer o pensamento funcionar de outra forma e instaurar uma topologia do pensamento e uma invaginação do fora. É pensar por es-

tratos, linhas de fuga, buracos negros, dobras, rizomas, ritornelos. ´ inventar novos territ´rios desertos, estriados, lisos. ´ criar um pensamento que nunca foi e nunca ser´. ´ criar uma nova imagem do pensamento. Um pensamento sem imagem. Pensamento vampiro por excelˆncia. ´ o devir-intenso do pensamento. ´ como uma bruxa que pega sua vassoura e vai para longe. Para o deserto, como fez Guimarães Rosa que comeou o sertˆo “Nonada” e nos fez “remexer vivos” com sua escrita diab´lica. Pensar o impensado ´ o maior desafio de quem quer fazer a diferena. Viajar para a ilha deserta e, com seus signos malditos da escrita, roubar a paz dos Idiotas que vivem na terra. Rir de n´os mesmos e dos doutores da finalidade da existˆncia. Enfim, trocar a confiana pela desconfiana e ´ do conceito que primeiro devemos desconfiar. Assim, a pedagogia conceitual deixa um caos surgir dentro de si para surgir uma estrela brilhante, lembrado o mestre Zaratustra. ´ desse caos que surge o pensamento. Enfim, deixar de fazer parte da comunidade de amigos, pois nˆo ´ mais poss´vel filosofar entre amigos, festejando em banquetes, como os di´logos antigos, pois chegou a hora, entre o meio dia e a meia noite, entre o cˆo e o lobo, de colocar a questˆo frente ao inimigo como um desafio.

Disso nos mostrou Guattari em *Caosmose* ao nos mostrar a potˆncia de um novo paradigma est´tico que, segundo ele, “tem implicaes ´tico-pol´ticas” (GUATTARI, 1992, p.137), pois quem fala em criao fala em uma pol´tica da responsabilidade da instˆncia criadora em relao à coisa criada. Fala sim, em produo de subjetivao criadora, em inveno de novas possibilidades de vida. Inventar, nada mais ´ o que potencializa o “sujeito” deleuzeano, pois ele ´ artificioso. ´ do caos que inventamos e re-inventamos a vida e damos um sim a ela. O mundo nos emite signos e n´os somos os seus decifradores. Depois de Nietzsche, tudo ´ interpretao, ´ uma disposio do olhar. Assim, Nietzsche, Deleuze e Foucault e certamente Derrida, formam uma dinastia. Sˆo fil´sofos da fronteira com o pensamento. Da margem entre a Filosofia e a Arte. Sˆo arquitetos das palavras, das coisas, da linguagem, da criao. Sˆo fil´sofos que criaram uma nova imagem do pensamento, que ´ um pensamento sem imagem. Dessa forma, um pensamento esquizo rompe com a clausura, desconstr´o o pensamento, lembrando brevemente Derrida e opera um novo corte no caos. Um corte que, sem d´vida toda hist´ria da Filosofia nˆo conseguiu digerir. Sair da clausura do ser e do ente ´ uma dif´cil empreitada que a tradio nˆo conseguiu romper, pois, sabemos, dos gregos a Heidegger, a linguagem, a pergunta ´ a mesma, pelo Ser que ficou no esquecimento. Fazer vazar, limar o muro, escorrer entre fluxos e cortes, desterritorializar, desertificar o pensamento, devir intenso, acontecimento, nomadismo, acelerar o pensamento, dar velocidade infinita aos conceitos e ao pensamento, sair da casa do ser, ser nˆmade, errante, transgressor, maldito, estar em bando, m´quina de guerra, enfim, sˆo apenas algumas palavras que compˆem o mapa deleuzeano de pura inveno de conceitos.

Em outras palavras, a Filosofia somente tem sentido quando estiver relacionada à vida, pois Deleuze reconhece que a Filosofia, assim como a Literatura, sˆo testemunhas da vida. A vida ativa o pensamento e esse, por sua vez, afirma a vida. Filosofar

não é repetir conceitos, idéias e sim, celebrar a vida e fazer dela uma manhã de festa. Dar as mãos para Dioniso e tornar artisticamente a vida mais suportável. Nietzsche já havia nos mostrado em *O Nascimento da Tragédia* que a arte está relacionada a esse duplo impulso da natureza que é o apolíneo e o dionisíaco, pois Dioniso é tudo o que se afirma, é o dançarino, a desmedida, é a alegria, é o prazer e Apolo, como o poder da individuação, é a medida justa, a “bela aparência”. Assim, apesar de viverem em intensa discórdia, Apolo não existe sem Dionísio. A arte então, para Nietzsche e, certamente para Deleuze, é uma espécie e tônica vital. É uma forma de intensificar e embelezar a vida. Assim, os signos da arte são superiores ao conhecimento, pois a arte afirma a vida e o conhecimento a aniquila. Enfim, somente aprendemos quando deciframos as pressões secretas da obra de arte.

Dessa maneira, o *móvil* que povoa o pensamento maquínico é o da criação e da invenção de novas possibilidades de vida. Parece chegarmos a concordar com Michel Foucault ao dizer que um dia, talvez, nosso século será deleuzeano. Chegar a esse século implica uma virada na tradição para sairmos da Filosofia pela própria Filosofia. Essa é a linha de fuga, é a política da dobra dos Signos e da subjetivação criadora, da diferença e da eterna repetição do mesmo. Chegar a esse século é fazer da vida uma verdadeira obra de arte. Significa enfim, ter uma sensibilidade diante dos signos da arte, da Filosofia e da vida e afirmá-la no que ela tem de mais cruel e aterrorizador e no que ela tem de mais belo, petulante, reluzente, flutuante e movente. Somente assim, podemos ser capazes de inventar um mundo que ainda falta: sendo gagos de nossa própria língua e, nessa gagueira, afetar o outro com nossos signos violentos, plurais e secretos. A Filosofia, assim como a Literatura, é uma verdadeira “prosa do mundo”, diria Foucault que está por ser feita pelo “demônio da criação”. Mas elas são, acima de tudo, prodigiosas máquinas de emitir signos. Ambas têm seus signos próprios e maneiras próprias de nos afetar. Cabe a nós decifrar esse leque de signos que dobram, desdobram e redobram ao infinito.

Dito de outra maneira, é a literatura a soberana do homem. Isso porque, ao se colocar à caminho da linguagem, o escritor, artista e tecelão da palavra, mostra o mundo, velando e des/velando ao mesmo o enigma da vida. A literatura como potência, é signo da diferença, pois a arte da palavra é a eterna casa de quem testemunha a vida, mostrando assim seus múltiplos signos, verdades e aprendizados que não são da arte e sim, da própria vida. Desse modo, em que solo da diferença povoa essa trilogia signo-verdade-aprendizado? Colocaremos em miúdos a seguir.

SIGNO, VERDADE E APRENDIZADO

Ora, compreender o sentido do signo em Deleuze implica em compreender a natureza do aprendizado. Signo, verdade, aprendizado formam uma trança inseparável quando Deleuze movimentam a máquina literária de Marcel Proust e nos faz redescobrir o tempo redescoberto no âmago do tempo pedido:

Aprender diz respeito essencialmente aos signos. Os signos são objetos de um aprendizado temporal [...] Alguém são se torna marceneiro tornando-se sensível aos signos da madeira, e o médico tornado-se sensível aos signos da doença. Tudo que nos ensina alguma coisa emite signos, todo ato de aprender é uma interpretação de signos (DELEUZE, 2003, p.4).

Para Deleuze, somente chegamos à verdade de algo através da interpretação. Traduzir, decifrar, desenvolver são as formas puras do pensamento. São os signos que nos fazem aprender. Aprender é ter certa predisposição em relação aos signos que devem ser decifrados, interpretados. O que aprendemos com os signos e seus significados, cada um expressa seu sentido entre si, e que a língua  aprendida indiretamente em diferentes línguas a ser aprendidas entre as variedades lingsticas. Para aprender uma língua é preciso ouvir e saber a que língua para exercitar o saber da língua ouvida.

A linguagem  aprendida e nesse caso, somos realmente obrigados a ir das partes ao todo. O todo, para Saussure não pode ser o todo explícito e articulado da língua completa, tal como registram as gramáticas e os dicionários. Segundo Saussure os signos um a um nada significam, que cada um deles expressa menos um sentido do que marca um desvio de sentido entre si mesmo e os outros. De início a língua de que fala a unidade de coexistência, num conjunto de gnero, as partes aprendidas da língua valem de imediato como um todo, e os progressos ocorrerão menos por adição e justaposição do que pela articulação interna de uma função já completa  sua maneira. Sabemos que a criança de início aprende a palavra como frase e talvez até fonemas como palavras. Pode-se dizer a criança fala e depois aprender apenas a aplicar diversamente o princípio da palavra (PONTY, 2003, p. 39-40).

Não podemos esquecer que o mais importante é a linguagem aprendida no início, a nossa origem maternal, no sentido de verbalizar a nossa cultura familiar. Após formalizar e aprimorar os conhecimentos e aprender outras línguas e o sentido de outras palavras, assim será possível aplicar melhor e com mais ousadia na tentativa de aprender outras línguas e comunicar-se com maior dimensão e clareza, no decorrer do aprendizado contínuo, a busca de novas palavras contemporâneas a desenvolver-se na filosofia e na arte de comunicar ao novo estilo de se expressar. No auge da linguagem, o sentido do signo são tem sentido ao significado da palavra. O sentido total da palavra e o movimento do pensamento que nos envolve sobre um fundo de palavras e seus significados que intervém do movimento de articulação dando lugar assim ao sentido puro e nunca é limitada senão pela própria linguagem.

Ao transformar as palavras em verdadeiras expressões no sentido de se destacar a linguagem as vezes tornamos um pouco filosóficos eloqüente. A linguagem é uma arte de se expressar e não copiar um pensamento, por vezes temos a impressão de que pensamos e verbalizamos as palavras de que foi pensado, por que há um poder nas palavras, são como pensamentos ao ar, em que o signo emite palavras dando sentido aos signos, e a linguagem conectada do pensamento.

Se a linguagem não tiver sentido algum de expressar as palavras, não teria o por-que de falar, ficaríamos em silêncio. O silêncio faz parte da organização do pensamento e das palavras em harmonia com a linguagem. No mundo dos signos é necessária a organização do pensamento antes de expressar qualquer palavra em um discurso ou em texto a ser escrito. Suas significações são de suma importância no ato de falar, não se esqueça de que as palavras exerce poder sobre alguém em alguma coisa ao qual será lançada a palavra. Existe um dizer que “manda quem pode e obedece quem tem juízo”. Todos nós vivemos sob o comando de palavras, do diretor, ou do esposo, e por que não da esposa. Na mídia tudo que é linguagem expressiva exerce poder em outras palavras, ou palavras de ordens, seja para obedecer, seja para fazer cumprir o que foi dito por alguém que exerce por sobre outra pessoa menos valor aquisitivo. Os valores às vezes são invertidos pelo pensamento ou pelas palavras.

Segundo Ponty (2003) na obra de Saussure a criança inicia-se na ligação lateral do signo com o signo como fundamento de uma relação final do signo com o sentido – na forma especial que recebeu a língua em questão. Só a língua como um todo permite compreender como a linguagem atrai a criança para si e como esta consegue entrar nesse sentido cujas portas, era de acreditar, só se abrem do interior. E porque o signo é de imediato diacrítico, é porque se compõe e se organiza consigo mesmo, que ele tem um interior e acaba por reclamar um sentido. Esse sentido nascente na borda dos signos, essa iminência do todo nas partes encontram-se em toda a história da cultura. A cultura nunca nos oferece significações absolutamente transparentes, a gênese do sentido nunca está terminada.

No tocante a linguagem, se é a relação lateral do signo com o signo que torna ambos significantes, o sentido só aparece na intersecção e no intervalo das palavras. O sentido é o movimento total da palavra, e é por isso que nosso pensamento demora-se na linguagem. No momento em que a linguagem enche nossa mente até as bordas, sem deixar o menor espaço para um pensamento que não esteja preso em sua vibração e exatamente na medida em que nós abandonamos a ela, a linguagem dos “signos” rumo ao sentido deles. A linguagem desvela seus segredos, ensina-os a toda criança que vem ao mundo, é dela que se faz o poder da transformação universal e tornando capazes em si próprias o sentido das coisas. A linguagem significa quando, em vez de copiar o pensamento, deixa-se desfazer e refazer Por ele. A palavra não escolhe somente um signo para uma significação já definida, como se vai procurar um martelo para pregar um prego ou um alicate para arrancá-lo. Enfim, temos de considerar a palavra antes de ser pronunciada, o fundo de silêncio que não cessa de rodeá-la, sem o qual ele nada diria, ou ainda por a nu os fios de silêncio que nela se entremeiam, as expressões

já adquiridas, um sentido direto, que corresponde ponto a ponto com torneios, formas, palavras instituídas.

Aparentemente, não há lacuna aqui, nenhum silêncio falante. Mas o sentido das expressões que se estão realizando, não pode ser desse tipo: é um sentido lateral ou oblíquo, que se insinua entre as palavras – é uma outra maneira de sacudir o aparelho da linguagem ou da narrativa para arrancar-lhe um som novo. Se quisermos compreender a linguagem em sua operação de origem, teremos de fingir nunca ter falado submetê-la a uma redução sem a qual ela nos escaparia mais uma vez, reconduzindo-nos aquilo que ela nos significa, como os surdos olham aqueles que estão falando, comparar a arte da linguagem com as outras artes de expressão, tentar vê-la como uma dessas artes mudas. É possível que o sentido da linguagem tenha um privilégio decisivo, mas é tentando o paralelo que percebemos aquilo que talvez o torne impossível ao final. Começamos compreender que há uma linguagem tácita e que a pintura fala a seu modo. A arte e a poesia ambas se conhecem na idade clássica que é a secularização da idade do sagrado: a arte embeleza e a palavra encontra a expressão justa designada a cada pensamento por uma linguagem das próprias coisas, à arte prescreve à obra as coisas que são muito evidentes. Durante séculos os pintores e os escritores trabalhavam sem suspeitar de seu parentesco. Mas é um fato que conheceram a mesma aventura. A pintura a óleo a mais privilegiada, pois atribui melhor os objetos pintados ou o rosto humano um representante pictural distinto, a busca de signos que possam ilustrar com profundidade ou volume, a do movimento, das formas, dos valores táteis e das diferentes espécies de matéria. A carreira de um pintor, são meios de comunicação entre os homens e marcam o progresso da pintura (PONTY, 2003, p.48).

Ao olhar para a obra de Malraux, Merleau-Ponty observa que a pintura e a linguagem são comparáveis apenas quando os afastamos daquilo que “representam” para reuni-los na categoria da expressão criadora. A linguagem, não está a serviço do sentido e contudo não governa o sentido. Aqui ninguém manda e ninguém obedece. Aquilo que queremos dizer não está à nossa frente, fora de qualquer palavra, como uma pura significação. É apenas o excesso que vivemos sobre o que já foi dito. A vida pessoal, a expressão, o conhecimento e a história avançam obliquamente, e não em linha reta para os fins ou para os conceitos. Não se obtém aquilo que se procura com demasiada deliberação, pelo contrário, as idéias, os valores não deixam de vir àquele que soube em sua vida mediante libertar-lhes a fonte espontânea.

O signo da linguagem corresponde a arte, a pintura de geração a geração, aumentando a cada século a significação do ato de se comunicar, quebrando barreiras e paradigmas, deixando livre e solta as palavras na ordem dialética a cada linguagem e suas expressões de modo a se comunicar.

Em, outras palavras, signo, verdade e aprendizado formam a substância da arte literária de Proust. Compreender isso, implica em mergulhar diante das pressões secretas da obra de arte, penetrar na visualidade e na imagética que faz da arte um fenômeno estético. Será a nossa próxima caminhada.

A LINGUAGEM IMAGÉTICA E O GRÃO DA VOZ VISUAL

A linguagem não seria apenas para se comunicar ou expressar palavras. A linguagem seria verbal, escrita, lida e também sob a leitura de imagem visual. Através de uma paisagem natural ou pintada em uma obra de arte podemos extrair inúmeros textos ou expressar uma linguagem verbal ou escrita. A obra de Barthes, desde o início, sempre se dedicou a linguagem visual. Decifrador de textos, ele foi também um admirável esmiuçador de imagem. O jovem Barthes sempre olhou as imagens com um olhar de artista. Sobre o olhar e visualizar ele escreveu vários textos, livros. Em todos os ensaios sobre a imagem, nota-se que para Barthes (2005), não há diferença entre ver e ler. Sejam elas da pintura, da fotografia ou do cinema, as imagens são analisadas como “textos”, isto é, sistemas. Significantes cuja “leitura” não é apenas técnica, mas também intensamente emotiva. Ao observar uma imagem cinematográfica, podemos extrair uma linguagem e escrever textos, analisar as palavras nelas contidas, ao qual dará suporte para uma nova obra na arte de ler e escrever.

Cada vez que assistir o mesmo filme terá uma nova visão de linguagem ou cada pessoa em diferentes pensamentos irá extrair textos, palavras de formas diferenciadas ao fazer sua crítica. Assim também não é diferente, para as outras leituras de imagem ou de fotografias, seja qual for, o olhar e a leitura deve ser bastante crítico ao analisar, relido com olhar de artista, cheio de imaginação coberto de certeza ao criar um novo trabalho que nascerá de uma outra obra sobre o olhar e o observar. Cada imagem produz seu significado e emite signos, é necessário ao escrever um “texto” sobre a “leitura” de imagem, não discriminar as palavras e suas significações dentro do contexto a ser escrito. É preciso ser sensível aos signos a ser emitidos em seu sentido.

A linguagem simples através da fotografia, é uma forma de que sempre diz algo, logo que olhamos, fotos antigas ou até mesmo recente. A realidade das fotografias diz alguma coisa de imediato, todos que olham, sempre diz algo relacionado a história ou um fato social que representa essas imagens fotográficas. Ao olhar uma foto de uma paisagem natural, de imediato ela emite signos, palavras que podemos escrever texto lindos e maravilhosos, com significado de muita importância, que servirá de comunicação a quem ler. As fotografias vária de cultura à cada cultura dando sentido próprio a história em que foi olhado e observado.

Feito análise da fotografia em questão, o olhar crítico e artístico ajuda muito no despertar de quem depara com uma fotografia. Um foto de paisagem rural entre as árvores e animais são tão nítido que ao olhar podemos sentir até mesmo o cheiro do campo e sentir a paz em que retrata. O aspecto geográfico nos traz a memória. A fotografia pode passar cem anos, mas o sentido, o valor de sua cultura permanece como se fosse no presente desabrochando a memória do cenário vivido. A imagem do tempo não importa, o que vale é o atual a ser vivenciado a emoção de rever fotografias em que me traz a lembrança do objeto vivido no passado com muito privilégio a ser recordado. A fotografia traz mais nitidamente as imagens do que os quadros pintados por grandes

artistas pintores. Pois as fotografias revelam detalhes que a pintura não retrata em sua imagem. Tanto a pintura ou a fotografia em sua totalidade quer dizer algo. O pintor e fotógrafo sempre se espelham na obra do outro para melhorar seu trabalho em si, eles são os mais admiráveis entre suas obras.

O que os artistas pintores e fotógrafos o que eles mais gostam de pintar e fotografar são as paisagens naturais, pois elas transmitem uma mensagem positiva, de paz e harmonia, perfume e a beleza são transmitidos através das imagens. Mesmo de olhos fechados podemos sentir o perfume das flores e ver a beleza retratada pelas imagens. A linguagem aqui mencionada através da arte retórica em Nietzsche, a arte de falar é considerada tradicionalmente no que diz respeito apenas à aparência, à fantasia, à ilusão. Em toda aparência a arte e a ciência pelo que se mostra a saber efetivamente a realidade do real, em sua totalidade, como a essência da linguagem. A arte retórica é uma “técnica” que determina o discurso do orador falante, com a finalidade de convencer o ouvinte a sua atividade própria. A arte retórica pode também propiciar ganhos no meio artístico e políticos e pessoais ao orador que sabe discursar através da arte retórica.

O que legitima o discurso retórico é a fala real em que o discurso se dirige a outros, diante da compreensão delineadora do discurso entre o falante e o ouvinte. Na arte retórica, falar não é somente falar, é saber o que falar e qual finalidade do discurso a ser dirigida a fala, falar sobre o que? O ouvinte precisa entender a fala do orador. A medida que o orador prepara o seu discurso, ele precisa se concentrar na linguagem direta do ouvinte ou seja expressar a verdadeira linguagem e seu significado do discurso, para quem será ouvido. Orador terá que usar a técnica da arte retórica para convencer o ouvinte no discurso direcionado a ele, onde o orador e ouvinte se encontra em meio a coisa dita. A arte retórica é uma técnica de convencimento, mas essa técnica de convencimento não consiste, na ilusão prévia dos meios mais adequados a esse fim, mas do exercício discursivo, da expressão própria verdadeira da coisa dita. O discurso do orador na arte retórica, não pode sair da expressão ‘natural’, da realidade objetiva originária do ouvinte para o próprio estabelecimento entre orador e ouvinte.

Nesse sentido, a arte retórica nasce com o intuito de orientar o orador em seus discursos direto ao ouvinte. É somente as “formas de expressão” que varia os diversos discursos em variedade de circunstância que descreve a dinâmica de realização da retórica. O discurso realizado na arte retórica estabelece as formas de expressão ligado a coisa, um referencial que determina em uma totalidade a realidade, isto é, experiência retórica de estabelecer a realidade das coisas. Na arte retórica, o orador pode até criar seu “texto” discursivo cheio de ilusão, imaginamos não esquecer da linguagem “real”, e a expressão convencional ao ouvinte, onde se encontrarão “inevitavelmente”, a realidade aproxima “circunstancialmente”, o discurso do orador deve ser claro a linguagem e realidade, ou seja, “naturalidade” guiada pela a luz do entendimento. Aristóteles denomina arte retórica como a “essência da linguagem”. O pensamento Nietzscheano e a afirmação de que a força retórica está na ligação da essência da lin-

guagem. Essa afirmação é o ponto de partida do discurso na arte retórica da linguagem expressiva.

O discurso sem a essência da linguagem originária a realidade perde o sentido, o referencial, com sintonia a expressividade a arte retórica. Seria um discurso mecânico criador no mundo artístico, um discurso “inconsciente”, a estrutura básica na construção do discurso é não perder a ligação essencial da linguagem real, “consciente” do caráter artístico de aceitação própria da estruturação de uma linguagem acessível ao mundo da arte retórica e a essência da linguagem real em sua forma discursiva. O discurso sem a essência da linguagem, seria como uma moeda que perde seu valor real em seu país de origem. Perde totalmente o sentido do discurso, tanto para o orador, quanto para o ouvinte. A obra de Nietzsche exige de nós um pensamento criativo ao discurso “retórico”, como arte consciente de pensamento através da linguagem original que evidencia e determina o real, a verdade do saber “retórico” a expressiva realidade e o significado do objeto a coisa. A causa e o efeito possibilitam o entendimento do discurso em sua realização.

LITERATURE, LANGUAGE AND LIFE IN GILLES DELEUZE

Abstract: it is proposed in this article to a discussion of the concept of sign, language and life in Gilles Deleuze, Difference thinker who thematized in his Proust Signs and the notion of truth and learning are key to search for and understanding of the phenomenon literary. From there it is understood that the “minor literature” is not one of a group of writers or tongue smaller and less so, what every writer is capable of higher and build a language-laden flows, vitality and poetic intensity.

Keywords: Language. Sign. Difference. Truth. Learning.

Referências

BARTHES, Roland. *imagem e moda*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes. 2005. (Coleção Roland Barthes).

BAKHTIN, Mikhail, *Diálogos com Bakhtin* / Carlos Alberto Faraco, Cristovão Tezza, Gilberto de Castro (Orgs.) Beth Brait... Editora da UFPR. Centro politécnico – Jardim das Américas – Caixa Postal 1992.

DELEUZE, Gilles, *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia* / Gilles Deleuze, Felix Guattari: Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão – Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, p. 112. (Coleção TRANS).

_____. *Proust e os Signos*. Trad. Antônio Carlos Piquet e Roberto Machado. Forense, 2003.

_____. *Kafka: por uma literatura menor*; Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2002.

_____. *Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia*/ Gilles Deleuze e Félix Guattari; Tradução de Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa.- Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*; tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. - São Paulo: Ed. 34, 1992.

PETRONILIO, Paulo. *Gilles Deleuze e as Dobras do Sertão*. Goiânia: PUC-GO: Kelps, 2011.

PONTY, Maurice Merleau – *Signos*. Tradução: Maria Ermantina Martins Fontes, 2003.

_____. *O olho e o espírito. Seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e a dúvida de Cezane*. Tradução de Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. Prefácio de Claude Lefot / Posfácio de Alberto Tassinari, 2004.